

CHE GUEVARA: UTOPIA E ESTRATÉGIA

Wilson Olkoski*

RESUMO

Este texto trata sobre a trajetória de Che Guevara, abordando sua Utopia e Estratégia, tendo como cenário, principalmente, a Revolução Cubana. O conceito de utopia é utilizado aqui, hipoteticamente, como o fundamento que serve de força para mudar uma realidade. Por estratégia entende - se, acima de tudo, a arte, ou seja, como o procedimento criativo para aplicar os meios de que se dispõe, visando a alcançar objetivos específicos. Este trabalho está dividido em dois tópicos: “A nova sociedade e o novo homem”, contextualizados, aqui, numa análise conjuntural e a contribuição do marxismo para a construção da utopia Guevariana; a “Estratégia”, parte da tática da Guerrilha e de outras táticas, importantes do ponto de vista do Che, para consolidar sua utopia, como por exemplo, a educação, o desenvolvimento industrial, etc.

* Professor do Departamento de Ciências Humanas - URI - Campus de Frederico Westphalen

ABSTRACT

This text approaches the participation of Che Guevara in the Cuban Revolution by referring to his Utopia and Strategy. The concept of utopia is used here, in a hypothetic way, as the foundation that serves as a force to change the reality. In saying strategy one means na art, above at all, a creative procedure employed to apply the available means to reach specific objectives. This work is divided in two topics: "The New Society and The New Man" contextualized here in a conjuncture analysis and the marxism contribution to the construction of Guevara's utopia; the Strategy begins from the tatics of guerilla and from other tatics, important from the Che's point of view, to consolidate his utopia as, for example, the education, the industrial development, and so on.

I - A NOVA SOCIEDADE E O NOVO HOMEM:**1.1 - Che e o contexto sócio - político e econômico**

Ao iniciarmos este estudo, partindo do contexto social, político e econômico, temos em mente percorrer o caminho, pelo menos de forma parcial, da trajetória revolucionária de Ernesto Guevara, ou seja, a possibilidade de uma tomada do poder, via guerra revolucionária, depende, acima de tudo, das condições objetivas e subjetivas. Quanto às condições objetivas, Che se refere às do tipo estrutural “ (la miseria de las masas, la exploración, el subdesarrollo, las relaciones sociales arcaicas, etc)” e as do tipo conjuntural “(crisis económicas, régimen de dictadura, ausencia de vías legales)”¹. Aqui analisaremos algumas condições objetivas que fizeram parte do cenário no qual Che estivera inserido na revolução cubana.

¹ ZEA, Leopoldo (org.), Fuentes de la Cultura Latino Americana. México.JCE. Vol. 2. 1993, p.105.

A história do século XIX é marcada pela expansão capitalista. Os países industrializados procuraram demarcar fronteiras do tipo colonial, através da força militar e / ou político - econômica. Tal estratégia continuou no século XX, e determinados países, como foi o caso dos Estados Unidos da América, por questões conjunturais, saíram fortalecidos e continuaram a ação imperialista, principalmente na América².

Paralelamente, se analisarmos o contexto cubano, em seus aspectos conjunturais e estruturais, veremos que a ilha é pequena, bem como a sua população, na década de 50, se comparada com os EUA. Por outro lado, “Cuba foi criada para responder às necessidades expansionistas do sistema comercial europeu, do período moderno (...)”³ e, por esse motivo, foi se desenvolvendo de forma muito lenta. Aos poucos, na luta contra a dominação espanhola, um sentimento nacionalista começa a surgir, o que posteriormente será cooptado pelo imperialismo. No início do século XX, a intervenção norte americana em Cuba, é estabelecida através de medidas impostas, principalmente no campo econômico e político, impedindo a soberania da ilha. Por outro lado, a própria estrutura sócio - econômica e política, começa a ser moldada conforme modelo e interesse norte americano: houve modificações nas indústrias, no sentido de que estas crescessem em números, como também na relação fábrica - fazenda. Nota - se que aquelas ampliaram suas “propriedades canavieiras”⁴. Em outras palavras, o capital norte americano passa aos poucos, a ser dono das terras cubanas, isto é, conforme Ortiz, citado por Wolf, tudo é EUA em Cuba:

“Não só a política é decidida pelas companhias açucareiras nos Estados Unidos, emanando do centro que irradia o poder do dinheiro, chamado Wall Street, mas também a propriedade legal da Central é

² Nos conflitos mundiais, principalmente na 2ª guerra mundial, os norte americanos, pela estratégia, foram mais vitoriosos economicamente.

³ WOLF. Eric. Guerras Camponesas no século XX. Global, São Paulo, 1984, p.304.

⁴ Ibidem, p.309

estrangeira. O banco que subscreve o corte de cana é estrangeiro, o mercado consumidor é estrangeiro, o corpo administrativo estabelecido em Cuba, a monarquia instalada, o capital investido, a própria terra está nas mãos de proprietários estrangeiros e enfeudada à Central - tudo é estrangeiro, até logicamente os lucros que fluem para fora do país, a fim de enriquecer outros”⁵.

Socialmente, nesta conjuntura, vão se formando as classes sociais rurais, que assim se apresentam:

- a) os proletários rurais;
- b) os pequenos camponeses;
- c) os grandes fazendeiros;
- d) a classe média rural.

Se as decisões cabiam aos norte americanos, estes vão investindo em outros setores, econômicos e de serviços e, por conseguinte, limitando a ação das classes urbanas, como a classe alta burguesa e a classe média (esta considerada como parasitária do imperialismo). Os membros destas classes, sem poder de barganha, vivendo em torno de Havana, não eram unidos, pois não tinham poder de concorrência e, por isso, visavam a interesses individuais.⁶

Quanto à estrutura política, na primeira metade do século XX, havia uma dependência dos Estados Unidos. Isso porque “Ela manifestou - se em parte, através da intervenção direta e, em parte limitando o tipo de atividade política permitida aos cubanos”⁷. Influenciaram diretamente, conforme seus interesses, aprovando ou não, os líderes cubanos. Neste sentido, a política cubana, não visando interesses nacionais, virou palco de interesses pessoais, sendo a mesma marcada pela corrupção pública.

⁵ Ibidem, p. 309 - 310

⁶ Ibidem, p. 316

A luta pelo poder, por interesses pessoais, às vezes de forma sangrenta, marcava aquele cenário. Com o golpe dado por Batista e a implantação da ditadura, as várias classes, ao mesmo tempo que concorriam entre si, estavam inseridas no governo, como foi o caso do partido comunista. Wolf, citando *James O'Connor*, refere-se a esta situação da seguinte maneira:

“Muito mais importante é que, na década de 1950, os representantes de cada uma das classes estavam firmados na burocracia estatal. Assim, o caráter da luta de Castro foi determinado, em parte, pelo resultado da primeira sublevação que tirara uma base sólida de classe pelo governo político, lançando as bases para que cada classe estabelecesse uma espécie de interesse na política econômica nacional. Esses interesses envolvidos aproveitavam - se tanto da rede de controle do mercado quanto da política nacional de redistribuição econômica. Dessa forma, desenvolveu - se uma situação paradoxal, na qual cada classe possuía um segmento que se aproveitava largamente do sistema ao passo que outros ganhariam com a aniquilação dele.”⁸

Suscintamente, destacamos alguns aspectos contextuais de Cuba, até a década de 1950, e suas relações com o imperialismo. Resta - nos voltar para a análise Guevariana, do contexto sócio - político e econômico, ou seja, como Che analisa as condições objetivas, viabilizadoras do processo revolucionário.

1.2 - O Marxismo como Método:

A historiografia, em sua maioria, quando trata de Che, tende a visualizá - lo como um homem de ação. Alguns autores analisam - no como alguém que concebia uma íntima relação de idéias e ação. O próprio Fidel Castro afirmava que (...) “Era

⁷ Ibidem, p. 317

⁸ Ibidem, p. 321

um homem insuperável na ação. Foi um homem de pensamentos profundos, de uma inteligência visionária, de grande cultura. Ele reunia em si o homem das idéias e o homem da ação”⁹.

Por outro lado, entre seus guerrilheiros, Che se manteve discreto politicamente até 1957. Até então, quando estudava o marxismo, fazia às escondidas. Porém, o que significou o marxismo para Guevara? Ou ainda, qual a contribuição do marxismo para a luta revolucionária? Em primeiro lugar, o posicionamento de Che era de um antidogmatismo, isto é, o marxismo não era visto como uma teoria fechada, mas como um processo científico ou instrumental de análise da sociedade e orientação para a ação. Isto para ele era tão normal como ser um newtoniano ou qualquer outra designação. Para ele, além de aceitar o marxismo como orientação para a ação, é preciso ser criativo, pois as realidades apresentam singularidades. O marxismo, como método de análise e crítica do capitalismo, foi aceito por Che, e expressado da seguinte maneira:

“Nosotros, revolucionarios prácticos, iniciando nuestra lucha simplemente cumplíamos leyes previstas por Marx el científico, y por ese camino de rebeldía al apoyarnos en el pueblo para destruir esa estructura y, al tener como base de nuestra lucha la felicidad de ese pueblo, estamos simplemente ajustándonos a las predicciones del científico Marx. Es decir, y es bueno puntualizarlo una vez más, las leyes del Marxismo están presentes en los acontecimientos de la revolución cubana, independientemente de que sus líderes profesan o conozcan cabalmente, desde un punto de vista teórico, esas leyes”¹⁰.

Nota - se com clareza a influência marxista em tal expressão. Ainda, aparece

⁹ In FORNET - BETANCOURT, Raúl. O Marxismo na América Latina. Ed. UNISINOS, São Leopoldo, 1995, p. 269.

¹⁰ IN ZEA, op.cit. p. 419

o termo velha estrutura, onde certamente Che está se referindo ao sistema cubano, subserviente ao imperialismo e que impedia a felicidade do povo.

Em outra passagem, à qual já nos referimos, Che fala das condições objetivas e, ao que parece, existia uma análise sobre as condições conjunturais e estruturais de Cuba antes da revolução. Por outro lado, sua revolta contra o imperialismo norte americano e seus adeptos cubanos, o que fica mais claro com o acontecer da revolução, demonstra também conhecimentos sobre a realidade.

José Mao Jr., em seu texto “A Revolução Cubana em Questão”, mostra a análise das condições objetivas feita por Guevara. Partindo da análise do camponês da Sierra Maestra, deixa clara a existência do grande latifundiário e do camponês, que se encontravam em constantes conflitos. A este camponês Che atribuía o termo “pequeno - burguês”, pois este lutava para ser dono de um pedaço de terra.¹¹

Che, tratando sobre a revolução, deixava claro que esta era socialista e, por isso, não acreditava em vias democráticas para tanto. Sendo assim, o exército opressor deveria ser aniquilado por fazer parte da estrutura de opressão. Por isso, afirma Lowy:

“En cambio, la definición del carácter socialista de la revolución instaura una problemática distinta, que es la problemática totalmente leninista de la destrucción del aparato militar - burocrático del Estado burgués; (...)¹².

Na questão conjuntural, o Governo ditatorial era seu grande inimigo, visto que este, além de oprimir o povo, é parceiro do imperialismo. Em Cuba, o governo ditatorial era representado por Fulgêncio Batista. Para José Mao Jr. “uma vez no poder, Fulgêncio Batista instaura uma ditadura feroz, prendendo, exilando e até mesmo assassinando os principais opositores do regime (...)”¹³. Por isso, a luta

¹¹ MAO JR. José. A Revolução Cubana em questão. IN ROCHA BARROS, AL. “et alii”. Um olhar que persiste - ensaio crítico sobre o capitalismo e socialismo. Ed. Anita Garibaldi, São Paulo, 1997, p.

¹² LÖWY, Michael (org.). O Marxismo na América Latina (uma antologia de 1909 aos dias atuais). Ed. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999, p. 99.

contra Batista, não poderia ser feita pela oligarquia, burguesia, classe média, nem partido ou sindicatos, visto que todos estavam amarrados a Batista. Então, os rebeldes apareceram como oposição e alternativa. Ao mesmo tempo, para os rebeldes, lutar contra Batista era lutar e livrar - se dos Estados Unidos ou do Imperialismo.

A luta de Che contra o imperialismo foi sua maior bandeira, por causa de sua utopia. Em 1967, em sua “Mensagem à Tricontinental”, ele se refere da seguinte maneira:

“Definitivamente, deve - se levar em conta que o imperialismo é um sistema mundial, última etapa do capitalismo, e que é preciso batê - lo em grande confronto mundial. A finalidade estratégica dessa luta deve ser a destruição do imperialismo. A participação que compete a nós, os explorados e atrasados do mundo, é a de eliminar as bases de sustentação do imperialismo: nossos povos oprimidos, de onde extraem capitais, matérias - primas, técnicas e operários baratos e para onde exportam novos capitais instrumentos de dominação - armas e todo o tipo de artigos, levando - nos a uma dependência absoluta.”¹⁴

Portanto, é de se conceber que o marxismo era conhecido e aceito por Che e aplicado como método de análise das condições cubanas, embora ele próprio tentasse, entre seus guerrilheiros, não demonstrar, afirmando que a revolução se tornou socialista, em seu andamento. Por outro lado, seu relacionamento com simpatizantes do Marxismo e suas leituras, corroboram tal idéia.¹⁵

1.3 - A Concepção de Sociedade e do Novo Homem.

¹³ MAO JR. José. op.cit. p. 95.

¹⁴ Löwy, op. Cit.p. 287

¹⁵ Ver ANDERSON, Jon Lee. Guevara. Uma biografia. Trad. M. H.C. Côrtes. Ed. Objrtiva, Rio de Janeiro, 1997

A idéia da Nova Sociedade e do Novo Homem em Che vai surgindo com o processo revolucionário. De fato, ele próprio, admitindo o marxismo com o método de análise da realidade e como fio condutor para mudá-la, se manteve bastante discreto quanto a esta questão e, só com o decorrer da revolução, isso se tornou manifesto.

A Concepção de Guerrilha, como Guerra do povo que visava tomar o poder e ir destruindo a velha estrutura, aponta um fio condutor para a nova sociedade. Por outro lado, sua crença de que o socialismo viria através do aniquilamento do Exército Opressor e representante do imperialismo e que, tal tarefa só seria possível através de um exército popular, demonstra que sua utopia deve ser construída com a participação do povo. Porém, “es preciso que el pueblo pueda comprender la significación política de la guerrilla y hacer - la serya.”¹⁶

Quanto a esta questão da participação do povo, Che se refere às condições “subjetivas”, necessárias para que o povo aderisse à revolução. Por condições subjetivas entende ele que seria “la consciencia de la necesidad del cambio revolucionario del régimen” e “la consciencia de la posibilidad de esse cambio.”¹⁷ Aqui nota-se a importância da “consciência” para Guevara, não só para tomar o poder, via Guerrilha, como também para consolidar a nova sociedade. Para tanto, sua interpretação do Marxismo como um humanismo, leva - nos ao “Comunismo” entendido como liberdade, ou seja, superar necessidades, com consciência e, nisso reside a sua utopia. Betancourt se refere a esta questão da seguinte maneira:

“ele interpreta a teoria de Marx no sentido do humanismo do novo homem, para, com isso, acentuar, precisamente a decisiva importância da subjetivação do homem no desenvolvimento histórico, como resultado de um processo conscientemente executado de auto-

¹⁶ Zea. Leopoldo. op.cit. p. 110

¹⁷ Ibidem, p. 105

libertação. O humanismo do novo homem significa, para Guevara, progresso no curso daquela dialética da emancipação que, exatamente, é libertadora porque é executada pelo homem concreto na sua situação histórica. O homem cresce com esta dialética. Ela é a figura histórica de sua própria humanização, pois esta dialética da emancipação - expressa de outra maneira - é uma convergência exitosa entre as modificações no domínio sócio - estrutural da sociedade e a transformação na consciência dos homens".¹⁸

O comunismo como utopia exige necessariamente a construção do novo homem. Então devemos perguntar: o que caracteriza este “novo homem” e como construí-lo? Guevara, nesta questão, se apóia no materialismo histórico de Marx, ou seja, na luta pela mudança. O homem vai mudando as condições materiais e, ao mesmo tempo, vai se automudando (ou autoproduzindo - se). Assim, o novo homem vai se produzindo, num processo dialético, entre ação e consciência. Porém, isso não acontece de forma automática. Che apela para a educação, no sentido de que esta tem um papel fundamental neste projeto, conforme se refere:

“ Não entendemos o comunismo como a soma mecânica dos bens de consumo em determinada sociedade, senão como resultado de uma ato consciente; daí a importância da educação e, conseqüentemente, a modificação da consciência dos indivíduos, no quadro de uma sociedade em plena fase de desenvolvimento material.”¹⁹

Quando se trata da educação, precisamos nos referir a “qual educação”, ou seja, a construção do novo homem não se dará com qualquer tipo de educação. Ele se refere àquela do tipo estudar para ganhar um melhor salário e, em oposição a essa, ele diz “que não devemos criar recebedores de salários, que obedeçam ao

¹⁸ BETANCOURT, op.cit. p. 273

¹⁹ In BETANCOURT, op.cit. p. 274

pensamento oficial”²⁰. Para ele, educação deve ser “esclarecimento” no sentido ético e científico, ou seja, um homem com novas idéias e um novo agir e com técnicas. Assim Betancourt afirma:

*“ O novo homem origina-se , portanto, segundo Guevara, num contínuo processo social, cuja verdadeira unicidade histórica consiste, ultimamente, em que ele deve ser o lugar em que o aprofundamento da consciência crítica- ética e a apropriação do conhecimento científico se interpenetram e promovem mutuamente. Neste sentido se pode dizer que a visão de Guevara, de um novo homem é interpretada mais corretamente quando ela não é explicada como a recaída na tradição de utopias acríticas,mas antes, como programa para a realização de uma síntese apoiada socialmente, na ética e na ciência.”*²¹

Jon Lee Anderson, em sua obra “Che Guevara, uma Biografia”, destaca várias passagens onde Che se refere ao novo homem. Numa passagem, quando Eutímio foi executado por traição, Che, mais tarde, falando sobre o assunto e a respeito dos filhos do executado disse que “um dia eles terão que saber que seu pai foi executado pelo poder revolucionário por traição. Também é justo que se lhes diga como o pai - um camponês que se deixara seduzir pela corrupção e tinha tentado cometer um crime grave, movido pelo desejo de glória e riqueza - mesmo assim, reconheceu seu erro e nem sequer insinuara desejo de clemência, que sabia não merecer”.²² Nota - se aqui, claramente, o repúdio de Che pelas glórias pessoais e riquezas que não deveriam fazer parte do novo homem.

Em outras passagens ele se refere ao sacrifício em prol do bem comum. Isso equivale a dizer que o individualismo não pode fazer parte do novo homem. Falando

²⁰ Ibidem, p. 275

²¹ Ibidem, p. 276

²² ANDERSON, op.cit. p. 289

aos universitários de Havana, ele lembra que a revolução, como luta do povo pela emancipação, deve estar acima de interesses pessoais e, para isso, é necessário que cada um abandone a sua “vocaçãõ” para desenvolver aquilo que for necessário para o bem comum.²³ Anderson, sobre esta questão, concluiu o seguinte:

Portanto, no coração da revolução estava a eliminação do indivíduo. “O individualismo em si, como a ação isolada de uma pessoa sozinha num ambiente social, tem que desaparecer em Cuba. O individualismo de amanhã deve ser a utilização adequada do indivíduo por inteiro para o benefício absoluto da comunidade”. A revolução não era “uma padronizadora da vontade coletiva”, ao contrário, era “a libertadora da capacidade individual do homem”, pois ela orientava essa capacidade a serviço da revolução.”²⁴

Tratando, ainda, sobre o novo homem, Che faz duras críticas ao homem soviético, no sentido de que este se empenhava em seu trabalho e nisso se assemelhava a um norte americano, simplesmente para “ganhar mais dinheiro”. Para isso defendia que “os trabalhadores cubanos precisavam não de uma sensação de propriedade, mas sim de um sentimento de responsabilidade” (...) ²⁵ Para tanto, a sua vida passa a ser um exemplo dessa responsabilidade para construir - se um novo homem e, acrescenta, como nova característica, o “trabalho voluntário” feito por ele em suas horas de folga e, também, instigando seus colegas de ministério para que dessem o seu exemplo. Para Anderson:

“O programa de Che, que acabou sendo denominado de “emulación comunista”, baseava - se no princípio de que , ao voluntariar o seu trabalho em benefício da

²³ Ibidem, p. 541

²⁴ Ibidem, p. 550

²⁵ Ibidem, p. 551

*sociedade, sem nenhuma intenção de remuneração, o indivíduo dava um passo importante no sentido de formar uma verdadeira “consciência” comunista” (...)*²⁶

Portanto, a utopia de Che, ou seja, a sociedade comunista, exige necessariamente a formação de um novo homem, sem a qual não seria possível. Por outro lado são necessárias determinadas táticas, para tal concretização.

II - ESTRATÉGIA COMO MÉTODO PARA ALCANÇAR A UTOPIA

2.1 - A Guerrilha como tática para tomar o poder

Che alimentava uma convicção de que, para construir a sua utopia, existia um único caminho possível: a luta armada, como ponto de partida, ou seja, para tomar o poder. Considerava criminoso quem, podendo evitar, não evitava a guerra e, ao mesmo tempo, criminoso quem deveria fazer a guerra e não a fazia. Por outro lado, já nos referimos anteriormente que, pelas condições de classes sociais e a cooptação da burguesia nacional, por parte do poder ditatorial e imperial, o único caminho que se apresentava a Che era a luta armada, isso “por que la revolución es socialista, es por lo que no puede triunfar más que por la guerra revolucionaria”.²⁷

A experiência na Guatemala servirá como orientação para a sua concepção de exército, bem como da leitura de Marx e Lenin. Se o exército convencional é opressor do povo, por ser um instrumento de dominadores, é necessário, então, combatê-lo, formando um exército popular. Por seu lado, este não se forma automaticamente e, sim, por fases. Inicia com um pequeno grupo e aos poucos vai acontecendo a adesão das massas até a consolidação do Exército Popular.

Che define a Guerrilha como a Guerra do povo oprimido contra a dominação e a exploração. Portanto, não é a guerra de um pequeno grupo, agindo de forma

²⁶ Ibidem, p. 557

²⁷ Lowy. op.cit. p. 98

isolada, contra a opressão e, por isso, rejeitava atos terroristas isolados. Portanto, o apoio e a participação direta das massas na Guerra contra a opressão define a Guerrilha:

“ (...) la guerra de guerrillas es una guerra del pueblo, es una lucha de masas. Pretender realizar este tipo de guerra sin el apoyo de la población, es el preludio de un desastre inevitable. La guerrilla es la vanguardia combativa del pueblo... apoyada por las masas campesinas y obreras de la zona y de todo el territorio de que se trate. Sin esas premisas no se puede admitir la guerra de guerrillas.”²⁸

Com seus estudos e a análise do contexto sócio - político e econômico, Che chega à conclusão de que a Guerrilha rural deve ser o ponto de partida, isto porque a vanguarda guerrilheira encontrará guerrilheiros camponeses que, conhecendo os aspectos físicos e humanos da região, só terão a contribuir. Porém, a própria ajuda dos camponeses ao grupo guerrilheiro não acontece de forma automática, mas quando os camponeses entenderem a própria luta armada e sentirem - se parte dela, isto é, “es preciso que el pueblo pueda comprender la significación política de la guerrilla y hacerla suya.”²⁹ Em outras palavras, a vanguarda revolucionária, através de sua ação armada e do trabalho conscientizador, despertará as condições subjetivas aos camponeses e, posteriormente, nos proletários e organizações. Para Lowy,

“ Sin dejar de dedicar una atención severa y minuciosa a las cuestiones puramente militares y estratégicas de la lucha, Guevara había captado claramente el carácter global, político - militar, de la agitación, de la propaganda y de la organización de las masas para la lucha revolucionaria.”³⁰

Neste sentido é que Che vê que a guerrilha se torna uma revolução popular:

²⁸ In Lowy. op.cit.109

²⁹ Ibidem p. 110

³⁰ Lowy, p,111

Quando acontece esta interação entre a vanguarda e as massas, através de suas ações, mostram que os seus anseios e o do povo são os mesmos, ou seja, mostrar que é possível acabar com os opressores, estabelecer medidas como distribuição de terras, etc. Porém, se considerarmos a caminhada guerrilheira, desde o desembarque do Grana até a adesão dos camponeses em massa à guerrilha, várias medidas são tomadas, como, por exemplo: um elo de ligações entre a vanguarda, camponeses, proletários, organização, etc. Mas o que chama atenção é o recrutamento de guerrilheiros que, praticamente ficou ao encargo de Guevara. Este mostrou - se muito exigente, selecionando, instruindo, encorajando - os e até executando. As palavras de ordem eram disciplina, obediência, coragem, lealdade, solidariedade, enfim, combatentes integrais como ele próprio foi um exemplo.³¹

Aos poucos a guerrilha vai despertando o interesse dos camponeses no sentido de que atacavam os pontos fracos do exército opressor e iam mostrando que este poderia ser vencido. Por outro lado, ela começa por conceder aspirações que os camponeses mais desejavam, como é o caso da terra. Assim Che se refere:

*“ Nosso exército de civis se foi convertendo num exército camponês. Simultaneamente à incorporação dos camponeses dos guajiros à luta armada por suas reivindicações de liberdade e de justiça social, surgiu a grande palavra mágica que foi mobilizando as massas oprimidas de Cuba na luta pela posse da terra: pela Reforma Agrária. Já estava assim definida a grande proposta social, que seria depois a bandeira e a divisa predominante de nosso movimento(...)”*³²

Se, por um lado, a guerrilha conquistava cada vez mais adeptos e lutadores, por outro lado, o governo Batista, em maio de 1958, inicia forte investida contra os guerrilheiros o que, aliás, foi o começo do fim da repressão, pois os guerrilheiros,

³¹ Ver ANDERSON, op.cit.pg. 227, 281, 293, 310 entre outras.

³² In José Mao Jr. op.cit. p. 107

resistiram e saíram vitoriosos política - moral e militarmente. Assim termina aqui a fase inicial da Guerrilha e a nova tática consiste no deslocamento do Campo para a cidade, ou seja, a utilização da “Guerra Convencional”³³. Com o avanço do exército rebelde, em 1ª de janeiro de 1959, Batista sai do país e um governo provisório, composto por diferentes facções que contribuíram com a revolução, assume o governo.

2.2 - Che e outras Táticas para consolidar a utopia

A utopia de Che ia além da simples tomada do poder pelo povo, ou seja, o comunismo, entendido como a superação de necessidades com consciência, precisa ser construído através do processo histórico. Neste sentido, a emancipação exige mudanças sócio - estruturais e da consciência que a tomada do poder, em 1959, apenas começara. Por isso, Che vai empenhar - se ardorosamente, utilizando - se de táticas, visando ao novo homem e à nova sociedade.

Entre as várias idéias e ações, Che vai dar atenção especial para a Educação, no sentido de estabelecer um programa que visasse à formação da consciência. Como ele se expressou...

“Não entendemos o comunismo como a soma mecânica dos bens de consumo em determinadas sociedades, senão como resultado de um ato consciente; daí a importância da educação e, conseqüentemente, a modificação da consciência dos indivíduos, no quadro de uma sociedade em plena fase de desenvolvimento material”³⁴

Por isso, a sua utopia precisava ser construída historicamente e, para isso, era necessário mudar a consciência dos homens, ainda atrelada à velha ordem. Porém, além de defender a educação, no sentido político e ético, se voltou também

³³ José Mao Jr. op.cit. p. 110

³⁴ In Betancourt. op. Cit. p.274

para a educação científica e técnica, defendendo o valor do estudo, porém sempre na dialética teoria e prática. O trabalhador deve dominar a máquina, enquanto teoria e prática, mas também a máquina que se estava criando, ou seja, o novo sistema. Assim se referia Guevara em uma conferência aos estudantes da Faculdade de Tecnologia, em 1962:

*“Ahora hai una caso que não se debe olvidar compañeros, ya para despedirme, y es que no se puede desligar de ninguna manera el trabajo practico de la teoria; tanto un extremo como el otro, hasta ahora las univesidades han sido centros donde se aprenden teorías frías, falta de contacto, una falta total de contacto con la realidad, y por otro lado tenemos compañeros obreros o técnicos que no saben nada más que lo que han aprendido con su propia experiencia. Tenemos que lograr el técnico de alta capacitación y gran experiencia, el hombre que adquiera una gran experiencia en el trabajo práctico, porque en los libros no se aprende nada más que hasta determinado nivel o determinada disciplina”*³⁵

Por outro lado, Che concebe uma íntima relação entre educação e desenvolvimento econômico. Nessa concepção, não confia na educação, no sentido de que esta possa mudar um país e, por outro lado, que o desenvolvimento econômico possa mudar a educação, mas ambas devem se modificar, para haver uma mudança social, rumo à nova sociedade. Porém, ainda a sua concepção de educação, vai além da neutralidade científica, pois está em jogo o homem que vive num contexto concreto e, este não pode ser neutro politicamente. Em 1963, falando para estudantes e professores de arquitetura, assim se refere:

“Y quien pretenda decir que solamente un técnico, un arquitecto, un médico, un ingeniero, un científico de cualquier clase, está para trabajar com sus

³⁵ In OLIVIO Colección. Ideario Político y Filosófico Del Che. Ed. Política, La Habana, 1995, p. 23.

*instrumentos, solamente en su rama específica, mientras su pueblo muere de hambre, o se mata en la lucha, de hecho há tomado partido por el outro bando. No es apolítico, es político pero contrario a los movimientos de liberación”.*³⁶

Além do projeto educacional, Che vai se preocupar com a defesa de Cuba, isto é, a consolidação da revolução. Neste aspecto, passa pela perseguição e fuzilamento de inimigos do povo, o que era claro para ele e nunca se eximiu em fazer isso. Por outro lado, dispôs de esforço para formar o exército popular, com a idéia de que todo o povo cubano deveria ser um soldado revolucionário e estar sempre pronto e disposto a lutar contra os contra - revolucionários e o imperialismo. A sua idéia, expressa por Anderson, era a seguinte:

*“A essa altura, a revolução cubana já estava um passo à frente dos norte - americanos. As muitas vezes que Che recordara a Fidel as causas para o fracasso de Arbenz produziram frutos: o antigo Exército estava sendo inteiramente expurgado, e o “novo Exército” estava se compondo com homens de confiança, cuja lealdade e orientação política não deixavam quaisquer dúvidas. Quanto aos soldados em geral, já estavam sendo “reeducados” politicamente. Seriam oferecidas armas e treinamento “ao povo”, e uma milícia de civis seria organizada em âmbito nacional, para reforçar o exército regular. Quando Washington chegasse a congregar suas forças, como Che sabia ser inevitável, Cuba estaria armada, pronta e à espera.”*³⁷

A defesa de Cuba, principalmente na ilha dos Porcos, deve - se a este fato, isto é, Che entendeu a lição Nicaragüense e se utilizou da tática de que os revolucionários deveriam ficar com suas armas e ainda que o povo todo deveria

³⁶ Ibidem, p.52

³⁷ Anderson; op.cit. pg.488.

estar sempre pronto para consolidar a revolução.

Outra tática de Che era a questão do desenvolvimento econômico e, em especial, do desenvolvimento industrial. A concepção de que a “Soberania” depende, acima de tudo, da emancipação econômica, permeava suas idéias e ações. Mesmo antes da tomada do poder, Guevara iniciou atividades industriais que visavam à sobrevivência da guerrilha³⁸. Em outubro de 1959, Che assume a chefia do Departamento de industrialização, onde poderia, então, aplicar algumas idéias suas. Neste mesmo mês, Che acabara com a autonomia universitária em nome da industrialização. Segundo Che, a centralização era necessária pois Cuba precisava de “técnicos qualificados” para desenvolver a indústria.³⁹

Até fins de 1959, o setor industrial praticamente havia sido intocável. O Departamento industrial possuía apenas algumas pequenas indústrias, que foram abandonadas, e a grande maioria estava nas mãos de particulares. Porém, Che começa a atrair profissionais qualificados, inclusive de outros países, e também vai intervindo nas indústrias de particulares, e, posteriormente, foram intervenções permanentes ou estatização.⁴⁰ Posteriormente, em junho de 1961, quando os Estados Unidos, temendo perder a hegemonia sobre a América Latina, como aconteceu com Cuba, através do Presidente *Kennedy*, anunciou “um pacote de ajuda econômica”, no valor de 20 bilhões de dólares e que foi anunciado em agosto, na conferência econômica no Uruguai. Assim Anderson se refere:

“Che argumentou que Cuba, por outro lado, dava um exemplo de afirmação de independência política e econômica- levando a cabo reformas da propriedade de terras e de moradias, expulsando os monopólios e escolhendo quem seriam seus parceiros comerciais e seus credores. Essa atuação cubana poderia servir de

³⁸ Ver Anderson. op.cit.p. 347 e 357.

³⁹ ANDERSON, op.cit. p.518

⁴⁰ Cfe. Anderson op.cit. p.521 e ss.

modelo para o resto da América Latina. A propósito das estimativas norte - americanas de gerar uma taxa anual de crescimento econômico na América Latina de 2,5% através da Aliança para o Progresso, Che declarou que Cuba poderia fazer melhor, atingindo uma taxa extraordinária de crescimento de 10% no prazo de poucos anos, ”⁴¹

Além dessas táticas mencionadas anteriormente, outras que foram feitas por Fidel, como a nacionalização de empreendimentos industriais e comerciais, reforma imobiliária, reforma agrária, etc., foram amplamente aceitas por Che, com a convicção da construção de sua utopia, ou seja, a nova sociedade e o novo homem.

CONCLUSÃO

Propomo-nos, inicialmente, estudar a questão da Utopia e Estratégia em Che Guevara. Ao final, pensamos ter conseguido, mesmo que de forma parcial e não conclusiva.

Contextualizamos sua concepção de utopia, partindo de uma análise conjuntural, ou seja, os aspectos objetivos, conforme terminologia dele própria. Notamos, nesta questão, alguns aspectos relacionados com a ação do imperialismo na realidade cubana.

Esta era subserviente e dominada político - militar e economicamente, pelo imperialismo norte-americano. Internamente, as várias classes sociais, cooptadas e/ou dominadas por um poder ditatorial, não tinham forças para reagir. Portanto, as condições objetivas, segundo as análises de Che, estavam dadas.

Quanto à questão do marxismo, não há dúvidas da influência deste nas análises da realidade. Mesmo se mantendo discreto durante a Guerrilha, aos poucos ele vai

⁴¹ Ibidem, p. 586 e 587.

“abrindo o jogo”, através da bandeira marxista. Porém, não o aceita de forma dogmática, mas como método de análise da realidade e orientação para a ação, em condições singulares. Por outro lado, o marxismo lhe servirá para o delineamento de sua utopia.

Partindo de uma realidade concreta e de uma base teórica marxista, Che concebe o comunismo como utopia. Este visto em seu lado humanista, é entendido como mudança das condições materiais e subjetivas, isto é, não basta satisfazer as necessidades através de uma mudança material, mas produzir, também, o Novo Homem, visando a sua emancipação. Esta será possível se consideramos o processo dialético de produção e autoprodução, ou seja, no processo de mudança social o homem vai se automudando, acontecendo uma transformação em sua consciência.

Portanto, a utopia aparece como uma construção, na qual Che pensou contruí-la, através de uma estratégia. Para tanto, a Guerrilha, como luta do povo para aniquilar o exército opressor e tomar o poder, aparece como tática inicial. A partir da tomada do poder, era necessário consolidar a revolução. Assim, outras táticas vão surgindo. A Educação assume papel essencial, tanto do ponto de vista do esclarecimento (conscientização), como na formação científica e técnica. Assim, Che tentava promover a industrialização de Cuba, criando as bases, com o intuito de conseguir a soberania, via auto-suficiência econômica. Porém, nunca se descuidou de formar o “Novo Homem”, do qual ele próprio dava exemplo, com seu trabalho incansável, trabalho voluntário, disciplina, responsabilidade e solidariedade.

Por fim, resta - nos perguntar: quando falamos da utopia Guevariana, de que tipo estamos falando? Esta questão nos remete ao questionamento de alguns autores, de que utopia é algo irrealizável e, a de Che, seria uma delas. Para outros, a utopia é algo realizável, basta haver condições e estratégia. Em nossa opinião, Che concebeu a sua utopia como uma construção, ou seja, uma utopia histórica. Porém, o seu fracasso está relacionado com a reinvestida do poder imperial norte-americano na América Latina e não da impossibilidade de uma nova sociedade e de um novo homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Jon Lee. **Guevara - uma biografia**. Trad. M. H. C. Rio de Janeiro: Cortez, Objetiva, 1997.

CASTAÑEDA, Jorge. G. **Che Guevara: a vida em vermelho**. Trad. Bernardo Joofily. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DOZER, Donald M. **América Latina: uma perspectiva histórica**. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1966.

FORNET - BETANCOURT, Raúl. **O marxismo na América Latina**. São Leopoldo: UNISINOS, 1995.

LEITÃO, Luiz Ricardo (coord.). **Che Guevara e Raúl Castro: rumo à sierra**. Os Diários inéditos da Guerrilha Cubana. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

OLÍVIO, Colección. **Ideário político y filosófico del Che**. La Habana: Política, 1995.

BARROS, Rocha A.L et al. **Um olhar que persiste: ensaio crítico sobre o capitalismo e o socialismo**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1997.

ZEA, Leopoldo (org). **Fuentes de la cultura Latino americana**. Vol. 2. México: FCE, 1993.

WOLF, Eric. **Guerras camponesas no século XX**. São Paulo: Global, 1984.